

Próteses para a solidão e encontros insuportáveis: autoerotismo e narcisismo na sexualidade masculina

Caio Ferreira
Romano

Júlia de Oliveira
Rocha

Introdução

O presente artigo tem como finalidade apresentar algumas reflexões sobre a sexualidade masculina adulta na contemporaneidade a partir de relatos de sofrimento masculino disponibilizados espontaneamente na internet e a partir do que é possível encontrar em literatura especializada sobre o tema aqui discutido. Pretende-se pensar como a fragilidade de constituição narcísica desses homens leva a uma solidão perante o encontro insuportável com o outro – e quais são os objetos escolhidos para aplacar tal solidão.

O que chama atenção, nas referidas manifestações da sexualidade, é justamente a tentativa de retirar a presença do outro, seja total ou parcialmente. Em alguns casos, identifica-se a tentativa de se excluir a própria necessidade de um ser humano enquanto objeto nessas trocas. Longe de trazer um olhar moralizante para esse fenômeno, o presente artigo tem a prerrogativa de entender, a partir da obra psicanalítica, a fixação na masturbação e o desejo de se relacionar sexualmente com robôs e outros dispositivos tecnológicos como um traço – pessoal e coletivo – bastante presente nos dias atuais.

Não restritas ao momento do orgasmo, essas manifestações refletem uma concepção de que a presença do outro beiraria o insuportável, e seria uma experiência desestruturante para o sujeito. Em que outro momento histórico surgiriam tais fenômenos, se não na era do neoliberalismo feroz (gestor contemporâneo do sofrimento psíquico) e do isolacionismo promovido pelas novas formas de relação mediadas (ou até mesmo encerradas) na própria tecnologia? A hipótese aqui é que essas manifestações remontam a um tempo de satisfação pulsional imediata e atingida de forma símile pela satisfação autoerótica da infância.

Caio Ferreira Romano.
Psicanalista. Mestre pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) no Departamento de Estudos Psicanalíticos. Membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi (GBPSF). Aspirante a Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e autor do livro *Psicanálise, Cinema e Amor* (2021).
cf_romano@hotmail.com

Júlia de Oliveira Rocha.
Psicanalista em formação no Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Possui Pós-graduação Lato-Sensu em Sociologia pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESP-SP).
olijulia.rocha@gmail.com

Talvez não ironicamente, é justamente em 2025 que se passa o filme *Her* (2013), de Spike Jonze, ilustrando o caso de um homem que, em virtude de sua solidão, apaixona-se pela voz do sistema operacional de seu computador – um *vocaloid*¹. Seja pelas coincidências com o campo da cultura, ou não, o presente debate se faz de sua importância.

“Pessoas reais me enojam”

O Pornhub, terceiro site de conteúdo adulto mais visitado no mundo, disponibiliza anualmente um relatório completo sobre seu perfil de consumo. Em 2024², na décima edição do relatório anual, o termo mais buscado no site foi *hentai* – pelo quarto ano consecutivo. Nessa, e em outras edições, marcam presença as categorias “*Cartoon*”, “*Animation*” e “*Anime*”. Especialmente no relatório³ de 2023, houve um aumento expressivo na busca por termos como “*robot*” e “*android*” – neste último caso, o aumento de mais de 1600% nas buscas se comparado a 2022. O que há de comum nos termos mencionados é que os cinco dizem respeito à pornografia que não envolve seres humanos reais – mas sim desenhos que muitas vezes mostram relações sexuais entre pessoas, monstros e, em alguns casos, animais e robôs, podendo esses ser humanoides ou não.

De acordo com a *Fight the New Drug*, em um artigo intitulado “Real people are gross – 3 reasons why animated porn is so popular⁴” (Pessoas reais são nojentas – 3 razões que tornam o pornô de animação tão popular), esse tipo de pornografia costuma “desafiar as leis da física e da natureza” – e isso é bastante apelativo aos consumidores do gênero. A partir de um comentário retirado de um site pornográfico, a organização mostra que dentre as razões pelas quais muitas pessoas preferem o pornô de animação está justamente a ausência de pessoas reais. Destrinchando, os motivos mencionados são:

1. O pornô “normal” é nojento, pois mostra fluidos corporais reais.
2. As mulheres retratadas nas animações são mais atraentes – e limpas.
3. As mulheres retratadas no *hentai* não são reais, portanto, podem fazer coisas que mulheres normais não podem.

O que o comentário nos mostra é que o que há de desconfortável, ou até mesmo “brochante” no sexo entre humanos, é justamente a humanidade presente na relação sexual.

Esse comportamento introduz o ponto central da discussão aqui pretendida: Por que “trepar” com seres humanos pode ser insuportável? As razões apontadas pelo sujeito do comentário aqui transcrito

1 Um *vocaloid* é um software de reprodução de voz

2 Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2024-year-in-review>.

3 Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2023-year-in-review#top-se-arches-pornstars>.

4 Disponível em: <https://fightthenewdrug.org/animated-porn-is-gaining-popularity/>.

nos dão algumas pistas, mas não indicam uma absoluta vontade de se alienar do contato sexual humano como outras manifestações fazem – como a busca pelo sexo com robôs e outros dispositivos tecnológicos/ eletrônicos – e a fixação na masturbação – realizada, muitas vezes, de maneira automática, compulsiva e sem a necessidade de um intermédio de fantasia (imaginação humana ou pornografia).

Virando otaku - a superposição da ficção sobre a realidade

Em *O Devir Otaku do Mundo* (2020), Christine Greiner⁵ faz um paralelo entre a clausura imposta pelo novo coronavírus a todo o mundo e o isolamento voluntário dos chamados *otakus* - pessoas, majoritariamente homens, com profundo interesse em dispositivos tecnológicos e que preferem o contato humano mediado ou ausente (Greiner, 2020).

Esse estilo de vida surge inicialmente no Japão graças a algumas particularidades da cultura local. A principal delas é a não diferenciação entre objetos animados e inanimados – o que permite que robôs e outros dispositivos sejam vistos como seres vivos como quaisquer outros. Dessa forma, *pets* robôs são uma verdadeira febre no país – e contam não só com hospitais especializados, mas também com solenidades fúnebres realizadas em templos budistas (Greiner, 2020).

Contudo, chama a atenção a visão da cultura *otaku* sobre o que é uma relação amorosa, uma vez que o sexo com dispositivos ultrapassa uma questão de satisfação erótico-sexual e entra no plano afetivo-amoroso. Concretamente falando, no Japão, tornou-se comum que homens optem por se casarem oficialmente com robôs, bonecas sexuais, hologramas e *vocaloids* (Greiner, 2020).

A autora, ilustrando, resgata o exemplo dos mais de 3700 certificados de casamento expedidos pela empresa de tecnologia Gatebox, que retrata a cantora pop Hatsune Miku de maneira holográfica. Dentre os motivos para o matrimônio com o holograma, os pretendentes “confessam ter sido assediados por mulheres a vida toda”. Em outros casos, para as uniões entre pessoas e não-pessoas, a autora também aponta como motivo a maior independência de mulheres japonesas, que não mais estariam focadas na constituição de uma família nuclear (Greiner, 2020).

Já na obra *A Consulta* (2022), Katharina Volckmer aborda a questão do sexo entre humanos e robôs de maneira radical. Durante o enredo, em meio ao relato de suas angústias e dificuldades de relacionar-se com o outro, a personagem comenta:

5 Christine Greiner é coordenadora do Centro de Estudos Orientais do Departamento de Artes da PUC-SP.

Não acha que seria melhor se todo mundo pudesse trepar com o próprio robô? Imagine se todo mundo se satisfizesse e não fosse mais preciso justificar nossos desejos [...] a ideia de poder me concentrar apenas no meu desejo parece um sonho há muito perdido. Poder desligar meu companheiro quando não me restam mais emoções. (Volckmer, 2022, p. 14-15)

Nesse trecho, a personagem comunica a angústia que Greiner (2020) sustenta afligir os otakus: a dificuldade de lidar e negociar com um outro na relação – e como é mais fácil lidar consigo próprio ou com um objeto inanimado. Tanto o texto de Greiner quanto a obra de Volckmer se conectam em abordar o desconforto com a humanidade e as dificuldades por isso impostas na maneira de se relacionar com o outro.

NoFappers - autoerotismo e abstinência

No agregador de notícias Reddit, existe um subreddit (uma comunidade de usuários) chamada NoFap (Sem Masturbação, em português). Dentre os membros, a grande maioria são homens viciados em masturbação e pornografia, com severas dificuldades para se relacionar com outra pessoa. Um dos mais recentes relatos⁶, traduzido, traz a seguinte história:

Eu tenho me masturbado duas vezes por dia todos os dias desde os meus 15 anos. Tenho 23 anos agora e a última vez que fiz sexo com alguém foi há 6 anos. Já que é como se eu estivesse vivendo em um outro mundo, eu não sei por que, mas eu não posso ficar bem com garotas. Mesmo com minha namorada do ensino médio, eu assistia pornô no banheiro todas as manhãs, mesmo que ela estivesse lá.

Ao final, o usuário atribui ao vício em pornografia sua dificuldade de se relacionar com mulheres – bem como outros membros. Os *NoFappers* apresentam um comportamento antissocial que os levam a deixar de sentir qualquer tipo de prazer, ainda que atinjam o orgasmo⁷. Muitos deles afirmam se masturbar compulsivamente.

Os três exemplos aqui oferecidos (a comunidade de *otakus* e *NoFappers*, bem como a história de *A Consulta*) apresentam facetas distintas da dificuldade que muitas pessoas (em especial, homens heterossexuais) têm enfrentado na relação com o outro e na negociação que isso implica. Por que alguns seres humanos, criados por outros seres humanos e sempre tendo convivido com pessoas, têm tanta dificuldade em se relacionar sexual e afetivamente com pessoas reais?

6 Disponível em: https://www.reddit.com/r/NoFap/comments/yd9c4g/lost_in_a_forest/.

7 O tipo de masturbação sem excitação sexual é definido como *masturbação neurastênica* por Romano (2024) em seu mestrado intitulado *A natureza e a função da masturbação e suas relações com a pornografia na contemporaneidade*.

Fixação no autoerotismo em Freud

A hipótese que rege a reflexão aqui desenvolvida é a de que as dificuldades desses sujeitos de lidarem com a alteridade, e com a presença de um objeto total nas relações, resultam de uma fragilidade narcísica que culmina em uma fixação no autoerotismo. Em outras palavras, o que se percebe é uma infantilização excessiva da sexualidade dessas pessoas devido a uma debilidade da estrutura narcísica, que as impossibilita de se relacionarem com outros seres reais.

Um primeiro e importantíssimo aspecto, a ser considerado, é que o desenvolvimento de um pequeno bebê depende de uma outra pessoa – humana. Essa outra pessoa desempenhará a função de alimentar, banhar e acalantar o bebê, deixando no pequeno sujeito as primeiras marcas de sexualidade. Futuramente, em situações de falta do objeto primordial (o peito materno ou seu substitutivo), o bebê procurará satisfazer essa mesma pulsão sexual (inicialmente desagregada), sugando partes do seu próprio corpo, como o dedo ou a boca. A importância dessa experiência perdura por toda a vida, afirma Freud, já que será o ponto de partida de eleição de um objeto total (1917/2014b).

Duas observações devem ser feitas, portanto, sobre a sexualidade infantil: (1) ela surge associada à satisfação de necessidades orgânicas; (2) ela se comporta de forma autoerótica quando o bebê vai encontrando a satisfação em seu próprio corpo, sendo pré-genital quando busca satisfazer essas pulsões de maneira não genital e sem a eleição de um objeto total específico⁸. É assim que o ato de sucção é substituído pela masturbação, pelo prazer de excreção ou até mesmo outras formas, como o gosto de ser visto, por exemplo (Freud, 1917/2014b). Essas são experiências que deixam marcas na psique do sujeito, de maneira que ele deseja retornar a elas em momentos de tensão pulsional, ou de excesso de excitação, para a fuga do desprazer (Freud, 1917/2014b).

Tais marcas, ao sofrerem recalçamento, fazem parte do núcleo inconsciente que conseguirá atrair as pulsões e criar pontos de fixação (1917/2014a; 1917/2014c; 1917/2014d). Isso ocorre com bastante frequência em momentos de frustração, tanto externos – como ambiente, cultura ou até mesmo recusa, impedindo a realização daquele desejo – como também internos – a partir das próprias concepções subjetivas do sujeito, que bloqueiam a realização do desejo reprimido (ligado à sexualidade infantil), mas que foi reativado pela regressão libidinal. Essa experiência pode ser sublimada pelo sujeito, mas um outro caminho possível é justamente o do retorno ao autoerotismo, especificamente a um momento em que não se dependia do outro (e da negociação com o outro) para a satisfação das pulsões sexuais. Sobre isso,

8 Apesar de envolver os genitais diretamente, a fixação no autoerotismo está fortemente envolta de uma pré-genitalidade, pois ocorre a ausência do outro e, nos casos trabalhados no artigo, o objeto é parcial.

Freud comenta: “A continuidade do autoerotismo é que torna possível se ater por tanto tempo à satisfação mais fácil com o objeto sexual, momentânea e fantástica, em lugar da satisfação real, que demanda esforço e adiamento.” (Freud, 1911/2010a, p. 115-116).

Narcisismo e relações

Após os desenvolvimentos freudianos, resta-nos uma dúvida: Por que algumas pessoas se fixam no autoerotismo e outras conseguem sublimar suas pulsões? Por que algumas pessoas conseguem se relacionar com outras pessoas reais e algumas se entregam ao “prazer solitário” ou ao encontro com o não-humano para satisfação sexual?

Veremos que a formação da estrutura narcísica é a resposta às perguntas acima. A incapacidade de suportar a frustração vinda de outro ser humano, devido a uma fragilidade narcísica, impede a pessoa de se relacionar. Como consequência, ela se mantém fixada em uma sexualidade infantil, isolada, porém em segurança.

Em Freud, o conceito de *narcisismo* relaciona-se com a ideia da constituição do Eu e seus limites e, consequentemente, os limites e reconhecimento do outro (Freud, 1923/2011). Aprofundando os estudos sobre narcisismo na psicanálise, André Green (1988) conceitua o narcisismo primário como uma estrutura enquadrante do Eu. Ele é o início da separação entre o Eu e o outro e da formação da estrutura do aparelho psíquico, culminando nos limites e contornos primários. Trata-se da constituição de si, da singularidade – um alicerce para a existência. Um alicerce fraco não suporta os embates provindos do mundo externo – o que inclui o outro, que muitas vezes frustra nossas vontades (Green, 1988).

Uma vez mais, o encontro entre o adulto e o bebê é fundamental para entender o ponto que trazemos aqui. O Eu se constrói através de um objeto (comumente a mãe) com quem o bebê tem contato inicialmente e que deve oferecer amparo, caso contrário, essa estruturação pode apresentar falhas:

A lógica [da não estruturação do Eu] consiste em uma oscilação entre o demais ou muito pouco: presente demais, muito pouco presente; ausente demais ou muito pouco ausente. Sem a possibilidade de estar presente o suficiente para ser investido e ausente o suficiente para ser apagado, o objeto não cumpre mais seu papel de espelho, de continente e de auxiliar do Eu, [...]. (Klein, 2022, p. 440).

Com o auxílio desse primeiro objeto, o narcisismo primário trata da formação de uma estrutura que deseja ser completa em si mesma: auto-centrada, autoerótica, autossuficiente, autoengendradora, ou seja, sem a necessidade de um outro; caso essa estruturação narcísica não ocorra, o sujeito se refugiará ensimesmado. Nas palavras de Green: “ele implica o desdobramento do sujeito, garantindo a continuidade do auto-erotismo como situação de auto-suficiência. Nesta perspectiva, o narcisismo primário é Desejo do Um, aspiração de uma totalidade auto-suficiente e imortal onde o auto-engendramento é a condição”. (Green, 1988, p. 142).

Caso o desenvolvimento da estruturação ocorra suficientemente bem, a relação com o outro e os conflitos advindos da alteridade não se tornam insuportáveis, já que o Eu do sujeito está bem alicerçado. Caso haja um Eu ainda incipiente, desestruturado, torna-se difícil se relacionar, pois nesse caso o outro é visto como ameaça frente à sua frágil estrutura. O narcisismo minimamente estruturado, permite uma passagem do autoerotismo para a relação com outros objetos.

No texto *Narcisismo e vínculos na atualidade*, Fuks escreve que na contemporaneidade o sujeito “não comporta tragédias” (Fuks, 2019, p. 44). A fragilidade narcísica faz a pessoa “ilhar-se consigo mesma”, rompendo com as possibilidades de confrontos externos vindos da realidade. Por causa dessa retração: “Vive-se uma vida marcada por isolamento, solidão, desassossego crônico, embotamento e tédio.” (Fuks, 2019, p. 44-45).

É preciso então se relacionar com um ser sem vontade própria, para que não ocorra o risco de confronto. Nesse caso, a pornografia e a relação com robôs são uma saída possível. O outro torna-se uma extensão do Eu, ou, nas palavras de Fuks: “Pode acontecer que o outro seja transformado em objeto narcísico – que a identidade fique ligada a ele prioritariamente –, ou seja, o objeto idealizado de cuja apropriação dependerá a todo do ser.” (Fuks, 2019, p. 45). Nessas relações narcísicas, não há uma alteridade, há somente um sujeito, um desejo e nenhum confronto.

Na atualidade destacam-se as chamadas “patologias narcísicas”, nelas o confronto com a realidade (mundo externo) é angustiante, devido à sua fragilidade estrutural. Desse modo: “A relação com as outras pessoas, em geral, pode ser sentida como uma ameaça para o equilíbrio psíquico, gerando uma resposta de hostilidade e retraimento defensivo.” (Fuks, 2019, p. 45)

O controle do outro é também uma defesa contra uma ameaça narcisicamente desestruturante. A relação com a pornografia e com robôs possibilita uma relação que ocorre dentro de uma situação controlada, sem riscos de angústias e desequilíbrios psíquicos. A ampliação tecnológica possibilita mais estabilidade, porém o sexo transforma-se em algo mecânico, isento de jogos de sedução, amor, ódio, e outros afetos. (Fuks, 2019, p. 52)

Em outro texto, intitulado *Narcisismo e relação entre os sexos*, Fuks continua a dissertar sobre as problemáticas da fragilidade narcísica nas relações e sobre como a incapacidade de frustração exige dos corpos uma perfeição. Modelos de corpos esbeltos e inacessíveis – como mulheres com seios enormes e que podem (ou não) ser retratadas com tentáculos no *hentai* –, unidos a uma frustração, impossibilitam a relação com objetos reais (que possuem falhas). (Fuks, 2019, p. 52)

O “esvaziamento dos vínculos” (Fuks, 2019, p. 59) conduz à solidão, mas também à segurança. Freud diz que: “Nunca estamos mais desprotegidos ante o sofrimento do que quando amamos, nunca mais desamparadamente infelizes do que quando perdemos o objeto amado ou seu amor.” (Freud, 1930/2010a, p.39). Sobre isso, Fuks atualiza:

Talvez por isso a civilização contemporânea, que alia o individualismo narcísico e hedonista ao combate acirrado a toda forma de dor, parece haver renunciado a apostas de tão alto risco como a caracterizada por Freud, que prevaleciam, sem dúvida, no auge da modernidade. Narcisismo e amor de objeto seriam esses adversários clássicos que continuam a enfrentar-se, em sucessivos *rounds*, ao longo da história dos homens e das mulheres. (Fuks, 2019, p. 60-61)

Conclusões

Mergulhando especificamente no caso das pessoas consumidoras de pornografia de animação, fica bastante óbvio que existe uma grande frustração quanto ao que é esperado de uma relação sexual. Há suor, saliva e calor, elementos impostos pela realidade material que deixam o usuário em questão desconfortável – a possibilidade de ser invadido pelo outro. Ora, o sexo entre duas pessoas humanas sempre conterá esses elementos, por razões orgânicas.

O sexo esperado por aqueles que consomem pornografia de animação, o sexo que é capaz de desafiar as leis da natureza, é possível até certo ponto (vibradores, próteses e brinquedos são todas possibilidades na sexualidade humana) – o resto, é justamente uma fantasia do que poderia ocorrer. Transar com uma pessoa de verdade significa renunciar à fantasia de se transar com um robô, uma mulher com tentáculos ou voando. No espaço da relação com o outro, que é sempre um encontro de fantasias, é preciso haver negociação – de maneira que o outro deva ser percebido como sujeito. Como a negociação pode ser catalisador da frustração, o sujeito narcisicamente frágil recorre à solidão – segura.

Porém, assistir *bentai* não necessariamente impediria uma pessoa de ter conexões humanas – mas a negação desse prazer entre humanos é vista, por exemplo, na opção de homens *otaku* que buscam casar-se com robôs ou hologramas. Nesse caso, as vivências infantis dos primeiros anos desses homens podem ter sido excessivamente traumáticas. Essa marca traumática faz com que esses homens queiram se privar de um possível desprazer que possa ser vivido novamente, assim como outras manifestações aqui apresentadas, como admirar (e casar) com um holograma para obtenção de satisfação sexual, bem como relacionar-se com um *vocaloid* ou um robô. Essas, expressam uma pulsão parcial, que prescinde de um objeto total – esse sim capaz de gerar frustração.

Finalmente, chama também atenção, a reflexão trazida pela personagem de Volckmer: seriam robôs sexuais capazes de consentir? A programação desses dispositivos é de estarem sempre disponíveis até que o sujeito canse e o desligue – é o completo oposto de se relacionar com outra pessoa: um ser desejante. Essas relações podem ser frustrantes, mas de forma alguma podem ser substituídas por imaterialidades ou peças robóticas. Essa busca seria somente o retorno à satisfação pulsional imediata, sem a necessidade de se negociar ou buscar o consentimento.

Em relação aos *NoFappers*, há de se pensar em uma fixação no autoerotismo. Homens que apresentam compulsão à masturbação muito frequentemente têm um vício em pornografia atrelado a ela. Eles se masturbam pelo simples ato de alcançar o orgasmo, independentemente de uma excitação corporal – ou muitas vezes de massagear a genitália sem propósito algum ou em momentos de ansiedade. Busca-se a masturbação, o retorno ao autoerotismo, para a fuga pura e simples do desprazer.

Seriam essas formas de obtenção de prazer e afeto suficientes? O número de homens pedindo ajuda no fórum NoFap mostram que, talvez, não. Seja como for, podemos ficar, como provocação, com a última frase do texto de Greiner: “Afinal, o devir *otaku* do mundo seria uma forma de lidar com nossos fantasmas? Entre temores e desejos, o mergulho nas realidades ficcionais abriria caminhos para construir coletivamente próteses para a solidão?” (Greiner, 2020).



Resumo O artigo aborda as manifestações da sexualidade masculina contemporânea, destacando a solidão e a dificuldade de lidar com a alteridade como aspectos centrais. A partir de relatos de sofrimento masculino na internet e a partir da literatura especializada, os autores analisam como fragilidades narcísicas conduzem à busca de satisfação sexual em dispositivos tecnológicos e práticas autoeróticas.

Dentre os fenômenos discutidos, estão o consumo de pornografia *hentai* e os relacionamentos com robôs. O texto utiliza conceitos de autoerotismo, fixação e narcisismo, associando-os ao isolamento social e à idealização de relações humanas. A conclusão sugere que essas práticas refletem não apenas um sintoma psíquico individual, mas também uma questão cultural mais ampla, onde a solidão é preferida ao risco do contato humano.

Palavras-chave autoerotismo, pornografia, narcisismo, relacionamento, sexualidade.

Prostheses for loneliness and unbearable encounters: autoeroticism and narcissism in male sexuality

Abstract The article discusses the manifestations of contemporary male sexuality, highlighting loneliness and the difficulty of dealing with otherness as central aspects. Based on reports of male suffering on the internet and specialized literature, the authors analyze how narcissistic weaknesses lead to the search for sexual satisfaction in technological devices and autoerotic practices.

Among the phenomena discussed are the consumption of hentai pornography and relationships with robots. The text uses concepts of autoeroticism, fixation and narcissism, associating them with social isolation and the idealization of human relationships. The conclusion suggests that these practices reflect not only an individual psychic symptom, but also a broader cultural issue, where solitude is preferred to the risk of human contact.

Keywords autoeroticism, pornography, narcissism, relationships, sexuality.

Referências

- Freud, S. (2010a). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In *Obras Completas, vol. 10*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911)
- _____. (2010b). O mal-estar na civilização. In *Obras Completas, vol. 18*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)

- _____. (2011). O Eu e o Id. In *Obras Completas, vol. 16*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923)
- _____. (2014a). Conferência 18: A fixação no trauma, o inconsciente. In *Obras Completas, vol. 13*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917)
- _____. (2014b). Conferência 20: A vida sexual humana. In *Obras Completas, vol. 13*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917)
- _____. (2014c). Conferência 21: O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In *Obras Completas, vol. 13*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917)
- _____. (2014d). Conferência 23: Os caminhos da formação de sintomas. In *Obras Completas, vol. 13*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917)
- Fuks, L. B. (2019). *Narcisismo e vínculos: ensaios reunidos* (2ª ed., Coleção clínica psicanalítica). Artesã.
- Green, A. (1988). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. Editora Escuta.
- Greiner, C. (2020). *O Devir Otaku do Mundo*. N-1 edições. Disponível em <https://n-1edicoes.org/pandemia-critica/pandemia-critica-019-0-devir-otaku-do-mundo/>
- Klein, T. (2022). Rumo a um pensamento clínico complexo: o narcisismo na obra de André Green. In *Nebulosa marginal: teoria e clínica*. INM Editora.
- Volckmer, K. (2022). *A Consulta (Ou a história de um pau judeu)*. Fósforo Editora.

DOI
10.5935/0101-3106.v47n79.15